

Aumento do déficit já era previsto

O aumento do déficit em conta corrente do Brasil para 4,19% já era esperado e não significa um risco extra para o Brasil. O economista Marcelo Carvalho, do JP Morgan, diz que há elementos que tornam o risco brasileiro baixo. Ele cita o investimento direto estrangeiro — que estão financiando mais de 40% do déficit externo — e as privatizações. “Os recursos que estão entrando no País são menos voláteis, mais saudáveis.” O problema, avalia, estaria no longo prazo e a resposta são as reformas da Previdência e Fiscal.

Padovani faz três avaliações para justificar a avaliação de que não há riscos de curto prazo para o Brasil: os países emergentes são mercados consumidores importantes para os países do G-7 e por isso os próprios governos (EUA no caso do México e Japão, no caso recente) ou organismos internacionais como

FMI ou Banco Mundial tem ajudado na resistência dos países em crise; os juros americanos são mais importantes para determinar o fluxo de capitais para a América Latina do que a situação asiática e, por fim, o balanço de pagamentos do Brasil é mais tranquilo (apesar do déficit de 4,129% do PIB) do que aquele que detonou a crise na Tailândia (déficit de 8%).

Para o superintendente do Departamento Econômico do Banco Pontual, Carlos Guzzo, a crise da Ásia não deve provocar aumento de recursos para o Brasil. A crise, diz ele, reforça a percepção de que os modelos de ajuste ancorados no câmbio não são para a vida toda. É preciso, afirma, fazer

RECURSOS
QUE CHEGAM
AO PAÍS SÃO
MAIS SÓLIDOS

“a lição de casa” para que o País não caia na mesma armadilha que já caíram México e Tailândia. Lição de casa significa fazer as reformas, observa. (Denise Neumann)